

EMBARQUE

DOS

APAIXONADOS

DOS FRANCEZES

PARA O HOSPITAL DO MUNDO,

O U

SEGUNDA PARTE

DA PROTECÇÃO

À FRANCEZA.

*Hoc fonte derivata clades*

*In patriam, populumque fluxit.*

Horac. Ode VI. aos Rom. L. III.

Desta fonte o mal correndo  
Inundou a Patria, e Povo.

**S**E inda houver, o que não creio,  
Maníacos desgraçados,  
Que sejam apaixonados  
Da aleivosia Franceza;  
Tomemos a grande empreza  
De lhes curar a loucura;  
Porque dos Doidos a vêa  
O que precisa he corréa.

A

Con-



Condução-se logo, logo  
 Ao grande Hospital do Mundo,  
 Que assim que lá derem fundo  
 Tomarão á França tédio;  
 E se este prompto remedio  
 Nada fizer á mania,  
 Não se esteja com mais obras,  
 Com elles, Ilhas das Cobras.

Onde está o Patriotismo,  
 Honra de antigos Varões?  
 São heroicas acções,  
 Ser traidor, ser de má fé?  
 Apoiando só quem he  
 Usurpador, e Tyranno?  
 Para curar estas falhas,  
*Récipe*; chicote, e palhas.

Pergunta-se-lhes agora,  
 Onde descobrem o bem  
 De hum Governo, que só tem  
 Crimes, e horror por virtude?  
 Por mais que indague, e que estude  
 Não o posso descobrir!  
 Preguem com taes figurinhas  
 Para dentro das cazinhas.

Hum Governo caviloso  
 Com Generaes tão alarves,  
 Que tinham dado os Algarves  
 Ao vil Principe da Paz!  
 Quem tem honra isto não faz  
 Occultamente em Tratados;  
 Se houve alguém, que isto approvou,  
 Tenho dito; variou.

Quem a Pátria estima, e ama,  
 Não a quer vêr dividida;  
 Já estava repartida,  
 E cheia de imposições;  
 Se estas pérfidas traições  
 A certos doidos agradão,  
 A' pancada he que se cura  
 Tudo aquillo, que he loucura.

Os Editaes do Junot  
 Erão taes, quaes os dos touros,  
 Merecia hum par d'estouros  
 Pelas promessas que fez;  
 Mas promessas de Francez,  
 E contas de Frialeiras,  
 De ordinario vem a dar  
 Em descompôr, e cardar.

Armou pantomimas fortes  
 Co' a pouca Tropa, que tinha,  
 Mandava alguma, outra vinha  
 Para fazer confusão;  
 Mas já por fim, o papão  
 Nenhum medo nos metia,  
 Porque estava o laço armado  
 Na Figueira, e Carregado.

Temos amáveis Sob'ranos,  
 Muito amantes do seu Povo;  
 Não se precisa Rei novo  
 Com presença de espantalho;  
 Mettão-no em algum baralho,  
 Onde haja falta de Reis,  
 Que talvez n'alguma tasca  
 Dê hum sopapo na lasca.

Vinha o pôtro sem sarrilha  
 A correr á redea solta,  
 Porém tomáráo-lhe a volta,  
 Ficou em meio caminho;  
 Saltou-lhe o nosso visinho,  
 Outros de longe o sostêrão,  
 Agora anda dando trotes  
 Rinchando sempre, aos pinotes.

Nós vimos nos nossos dias  
 Huma Familia Real,  
 Por não expôr Portugal,  
 Eazer muitos sacrificios;  
 E hão de estes beneficios  
 Ter por paga ingratições?  
 Ah! que a Pátria por castigo,  
 Punirá tanto inimigo.

A palavra dos Monarcas,  
 Sempre se funda em verdade;  
 Porque entrar em amizade,  
 Depois fazer-se senhor  
 De hum Reino, que a seu sabor  
 Quanto pedia lhe dava;  
 Chamava-se isto algum dia  
 Desafôro, aleivosia.

De que pasmo he vêr, que todos,  
 Fallão deste proceder,  
 Que ficarão a gemeros  
 Pela oppressão dos tyrannos,  
 E que a pezar destes damnos,  
 Que a toda a gente chegarão,  
 Bandalhos apparecessem,  
 Que acompanhá-los quizessem!

Mas

Mas em parte foi fortuna;  
 Ficou mais limpa a Cidade,  
 E áquella grande amizade  
 O Napoleão será grato;  
 Ha de lhes dar para prato,  
 Ha de lhes pagar as casas,  
 Mantendo-os, com preferencia,  
 Para Espiões da Intendencia.

Inda mal, que ficarião  
 Alguns por cá, da reserva;  
 Mas desgraçada caterva  
 Se na cegueira presiste!  
 Não he desastre bem triste  
 Vêr entre nós estes loucos?  
 Fallo delles, mas duvido  
 Que apareça hum tal partido.

São diversas as doidices  
 Desta gente entusiasmada,  
 Não querem vêr socegada,  
 Nem brilhante a Capital;  
 Só gostão de fazer mal,  
 Dos seus nacionaes contrarios:  
 Com tratantes deste lote  
 He caridade hum garrote.

Agrada mais tirar vidas,  
Vêr incendios, roubos, guerra,  
Grandes Cidades por terra,  
Vêr esposas sem maridos,  
Filhos prezos, ou fugidos,  
Puras Vestaes insultadas,  
Todos sem ordem clamando,  
Nas mãos da fome estallando?

Agradão Proclamações  
Cheias de velhacaria,  
Que tomão de dia em dia  
A posse dos bens alheios,  
Até esgotando os meios  
De se ganhar o sustento?  
Póde isto ao homem sensato  
Em algum tempo ser grato?

Inverter do Mundo a ordem,  
Pôr os Póvos a brigar,  
Para ninguem trabalhar  
Nos officios, que aprendeo!  
Em que historia appareco  
Inda, hum homem tão cruel?  
Que merece este traidor?  
Cancros, tísica, estupor.

Re-

Religião offendida,  
 Sacros Templos profanados,  
 Protestando estes malvados,  
 Que vivião na Lei nossa;  
 Quem haverá, que ouvir possa  
 Vís, que por tudo roubarem,  
 Roubarão a Deos Clemente  
 O Nome de *Omnipotente*?

Abrazar nobres Cidades,  
 Queimando-lhes gente viva;  
 Com tyrannia excessiva  
 Nos Hospitaes matar tudo,  
 Sem nada servir de escudo  
 Ao tyrannico furor,  
 Tão infame proceder,  
 Faz de horror, estremecer!

Em que offendem nossa especie,  
 Debeis, tímidas crianças,  
 Para soffrerem vinganças  
 D'homens derramados, pérros,  
 Que lhes cravão duros férros  
 Nos corpinhos innocentes?  
 Ah! que tão ímpia fereza  
 Faz injuria á Natureza.

Acaso os corpos Francezes  
 Outra máquina terão?  
 Não haverá coração  
 Em taes peitos insensiveis?  
 Farão culpas tão horriveis  
 Sem o pêzo dos remorsos?  
 Ai de nós! que isto nos prova  
 Que ha no Mundo especie nova!

Se das frias sepulturas  
 Os nossos bons Reis surgissem,  
 E taes crueldades vissem,  
 Que offendem a Deos, e o Mundo;  
 Talvez, que em somno profundo  
 Outra vez se desejassem;  
 Porque nas passadas Eras  
 Não se vião destas Féras.

O Ceo nos tire do Mundo  
 O Senhor Napoleão,  
 E com elle seu Irmão,  
 Chamado o Senhor José,  
 E a mais cambada sem fé  
 D'esta familia maldita;  
 Porque se não perde nada  
 Em semelhante jornada.

Este Heróe, por tabelilha  
 Veio a ser Imperador;  
 Depois no Mundo quiz pôr  
 Escolla de matar gente;  
 E como he mestre eminente,  
 Deixem que elle entre no Inferno,  
 Que lá mesmo ha de dár cabo  
 Da quadrilha do Diabo.

Talvez que elle por ser triste,  
 ( Não por imitar Tyrannos )  
 Queira matar os humanos  
 Achando nisso hum recreio;  
 Como via o Mundo cheio,  
 E gosta da solidão,  
 Em fazendo tudo em pó  
 Fica bem, que fica só.

Senhores apaixonados,  
 ( Se existem ) mudem de tom;  
 Não lhes auguro fim bom,  
 Se teimão na mesma asneira;  
 Porque o barco da carreira  
 Vai mettendo no Hospital  
 Todos os máos Portuguezes,  
 Partidistas dos Francezes.

Porém o melhor de tudo,  
 He lá no seu coração  
 Consultarem a razão,  
 Imitando antepassados,  
 Por virtudes exaltados  
 Nos annaes do Mundo inteiro;  
 Se a terra o corpo consome,  
 Ao menos nos fique o nome.

Os Francezes que se escondem,  
 Os seus infames sectarios,  
 E de tal corja outros varios,  
 Por malucos de cabeça,  
 Devem ir nesta remessa  
 Povoar a enfermaria;  
 Que ou são doidos confirmados,  
 Ou do Demonio vexados.

Pela voz da vaga Fama  
 De apaixonados fallei;  
 Nem os conheço, nem sei,  
 Que os possa haver com certeza:  
 Sei que a Nação Portugueza  
 Ama a Deos, respeita o Throno,  
 Tendo por heroicidade  
 Honra, Amor, Fidelidade.

## D E C I M A.

**E**Ntre os titres Generaes  
 Entrou hum de genio altivo,  
 Que ou era o Diabo vivo,  
 Ou tinha os mesmos sinaes:  
 Aos alheios cabedaes,  
 Lançava-se como setta;  
 Namorava branca, e preta,  
 Toda a idade lhe convinha,  
 Comsigo tres = *Emes* = tinha,  
 Manhozo, Mão, e Manêta.

## D E C I M A.

**V**I com olhos magoados,  
 Nestas Francezas bizarmas,  
 De Camões hum verso: *As Armas,*  
*E os Varões assinalados:*  
 De França vinhão marcados;  
 Dois delles erão manêtas,  
 Era calvo o das Gazêtas,  
 De Laborde enfermo, e pisco,  
 O Junot trazia hum risco,  
 Faltou vir hum com molêtas.

## S O N E T O.

**T** Arará... tarará... Temos trombetas?  
 Tum... tererum... tum... tum... ouço tambores!  
 Que chusma acolá vem de grãos Senhores!  
 Parecem-me Andarilhos de jaquêtas:

Vem fazendo a cavallo mil carêtas,  
 Mas de asseio nos ultimos primores!  
 Levão diante vinte batedores,  
 Para o Povo assestando as escopêtas:

Arreda, que he Junot co' a Governança;  
 Ninguem tira o chapeo? Povo insolente!  
 Senhor Duque metterão-no na dança.

Trata-o já de *Falperra*, a mais da gente,  
 Quer hum conselho meu? vá para França,  
 No escritorio do Pai, ser Escrevente.

*Despedindo-se de Laborde de seu Tio, Administrador das cazas do jogo da Rolêta.*

## S O N E T O.

*De Lab.* **A** Deos amado Tio, eu vou-me embora,  
Napoleão foi causa desta pêta,  
Hia ficando cá mais o Manêta,  
Daqui o que pertendo he vêr-me fóra:

Hum só favor lhe pesso, por agora,  
Eu sei, que tem dinheiro, e que he forrêta,  
Que dos ganhos do jogo da Rolêta  
Me dê alguma cousa, sem demora:

*Tio.* De Laborde, teu Tio não julgava  
O vêr-te nesse estado, e muito sente  
Não fazer o que tanto desejava:

No tal jogo roubou a muita gente,  
Mas que importa! se tudo lhe levava  
Esse calvo usurario, esse Intendente!

## S O N E T O.

**S** Enhor Napoleão , que historia he esta !  
 Se arrotado nos tem tanta façanha ,  
 Porque não cola o Mano , em Rei d'Hespanha ?  
 Se não fica citado para besta :

Não se ponha a dormir agora a sésta ,  
 Nem o prenda qualquer teia d'aranha ;  
 Hum homem , que he astuto , e que tem manha ,  
 Deve acabar aquillo que lhe resta :

Mas olhe , não se metta n'outra vôda ,  
 Que lhe podem saltar no galinheiro ;  
 Porque o Mundo he já outro , e não se engoda ;

Ponha o Mano a aprender a Espingardeiro ,  
 Póde-lhe fornecer a Tropa toda ,  
 Fica arrumado , e ajunta algum dinheiro.

*Nesta carreira dos tólos ,  
Tudo que vai he Francez ;  
Agora os Apaixonados  
Hão de embarcar d'outra vez.*

## G L O S A

### I.

**A** Passaróla Franceza  
Fez o seu ninho em Lisboa,  
A paragem não foi boa,  
Porque hia ficando preza:  
Com o susto da surpresa  
Enfraqueceo dos miólos;  
Fez seiscentos torcicólos,  
Quando estava de partida;  
Té que entrou de aza cahida  
*Nesta carreira dos tólos.*

## II.

Estava muito contente,  
 E de seu dono estimada;  
 Vivia desafogada  
 Na varanda do Intendente:  
 Mas abalou de repente,  
 E o dono que era má rez;  
 Dizem, que elle agora fez  
 Lá nos Quintos hum Governo,  
 Porque á conquista do Inferno,  
*Tudo que vai he Francez.*

## III.

Se isto se verificar,  
 Fica o Diabo sem tóca,  
 Que elles lhe armarão a móca  
 Para o Reino lhe tirar:  
 Ha de haver cargos que dar,  
 De muito bons ordenados;  
 A' pressa serão chamados  
 Muitos, que affeição lhes tem;  
 A ser certo, ficão bem  
*Agora os apaixonados.*

## IV.

Leva o barco tanta gente,  
 Que não póde levar mais,  
 E inda lhe fica no Cáes,  
 Para dez vezes, enchente;  
 He canalha impertinente;  
 Bem fez o Arraes, no que fez;  
 Foi-os pondo a tres, e tres,  
 Fez-lhe, o que se faz aos pôtros;  
 Em estes levando, os outros  
*Hão de embarcar d'outra vez.*

*Em quanto o Mundo existir,  
Ha de lembrar este mal,  
De protecções á Franceza,  
Deos defenda Portugal.*

G L O S A ,

*Em que falla huma Velha com sua Neta.*

I.

**G**Eltrudes, lava esses pés,  
Veste o vestido de cassa,  
E vamos cumprir á Graça  
A promessa que se fez:  
Tres Sextas feiras no mez  
Havemos descalças ir;  
Sempre Deos me quiz ouvir!  
Pôz fóra aquelles malvados,  
Que hão de viver arrastados  
*Em quanto o Mundo existir.*

## II.

Rapariga, forte peste!  
 Que bando de cães damnados!  
 Por castigo de peccados  
 Nosso Senhor mandou este:  
 Inda tu não conhecestes  
 Bem este estrago fatal;  
 Húm mez antes do Natal,  
 Entrarão nesta Cedade;  
 Em quanto houver Chrestandade,  
*Ha de lembrar este mal.*

## III.

Não quero vagares teos,  
 Que as tardes já não são nada;  
 Vai pôr a capa encarnada,  
 E os brincos de escamafêos;  
 Da noite me livre Deos!  
 Nós sós não têmos defeza,  
 Em caza farei a reza,  
 Eu quero de lá vir cêdo,  
 Porque tenho muito mêdo  
*De protecções á Franceza.*

## IV.

Não sejas estabanada,  
 Põe esses olhos no chão,  
 N' hum auto de devção  
 Deve a gente ir concertada;  
 Levo esta alma consolada  
 De fazer promessa tal:  
 Isto não foi natural!  
 A Santa Humage he que o fez;  
 Desta canalha, outra vez,  
*Deos defenda Portugal.*

*Em quanto tiver alentos ,  
Hei de a Patria defender ;  
Eu tenbo só huma vida ,  
Não se me dá de a perder.*

G L O S A ,

*Em que falla hum Algarvio.*

I.

**S**enhora Zabel Ignez ,  
Venho agora da campanha ;  
Fiz por lá muita façanha ,  
Viva quem he Portuguez :  
Se encontrar algum Francêz ,  
Nada mais de complementos ;  
Hei de fazer-lhe tromentos ,  
Hei de lhe curtir a pelle ,  
Hei de pôr-me a malhar nelle  
*Em quanto tever alentos.*

## II.

Cá hum homé, se há folgado,  
 He mais manso que huma ovelha;  
 Por mal, dá pancada velha,  
 Nem do Diabo tem mêdc:  
 Cada Algrave, he hum rochedo,  
 Nunca arrêão a qualquer;  
 Se acazo tornar a vêr  
 Esses Francezes casmurros,  
 Com hum vandaval de murros,  
*Héde a Patria difender.*

## III.

Minha alma vá para Deos,  
 Porque não se perde nada;  
 Mas fique a Patria salvada  
 De Francezes farezeos:  
 Todos os patricios meos  
 Lhes derão forte corrida,  
 Até eu, por despedida,  
 Mati seis, á minha parte,  
 Ai! se errasse o pacamarte...  
*Eu tenbo só huma vida.*

## IV.

Vi o Algrave alivantado  
 Contra esse bando pirata,  
 Só se ouvia *mata, mata*:  
 Eu era hum toiro enraivado;  
 O Crelego feito Soldado  
 Vinha a terra difender;  
 La podião-me estender,  
 Mas esta vida mortal,  
 Pela Familia Real,  
*Não se me dá de a perder.*

## CONTO ALEGÓRICO.

*Os Corvos, e as Cegonhas.*

**H**Uma ninhada de Corvos  
 N' huma Ilha appareceo,  
 Mettia nojo, por magra,  
 Mas nutrio-se, e não morreo.  
 Alli se forão criando,  
 Té que poderão voar,  
 E a mãe com cuidado nelles,  
 Sempre os quiz acompanhar.

Do Corvo Pai não se sabe,  
 Porque ninguem o avistou;  
 Ou não era cazal certo,  
 Ou seus filhos engeitou.  
 Hum dos Corvos por mais vivo,  
 Que huma Aguia, já morta, vio,  
 Co' bico tirou-lhe as pennas,  
 E com ellas se vestio.  
 Queria fingir ser Aguia,  
 Mas não tinha muito geito,  
 Apenas pela rapina  
 Conservava algum respeito.  
 Os outros Corvos, que virão  
 No irmão, aquella impostura,  
 Forão buscar iguaes pennas,  
 E fazer igual figura.  
 Porém como a Natureza  
 Estava alli constrangida,  
 Pelo mal que se amanhavão,  
 Foi a trama conhecida:  
 Que as mais Aves contemplando  
 Dos Corvos a mascarada,  
 Tanta ousadia, e soberba  
 Quizerão vêr castigada.

Aguias, Falcões, e Milhafres  
 Nos impostores saltarão,  
 E as pennas proprias, e alheias  
 C' os bicos lhes arrancárão.  
 Achavão-se quasi nús  
 A verter sangue, mordidos,  
 Póostos ao rigor do tempo  
 Das Aves escarnecidos.  
 Vendo o outro *Corvo* sagaz  
 Seus irmãos tão affrontados,  
 Com soberba altivez d' *Agua*  
 Quiz punir taes attentados.  
 Mas duas fortes *Cegonhas*,  
 Que isto virão, lhe disserão:  
 » Vai-te, impostor, se não queres  
 » Soffrer o que os mais soffrêião.  
 » Hum *Corvo* com pennas d' *Agua*  
 » Faz a triste imitação  
 » Do burro, que se cobríra  
 » Com a péelle d' hum *Leão*.  
 » O corpo está bem fingido,  
 » Mas a voz, cabeça, e pernas,  
 » Nos dão bem a conhecer,  
 » Que por *Corvo* te governas.

- » Quem quer illudir o Mundo, «  
 » Commette delictos graves; «  
 » E's o palhaço dos Córvo's, «  
 » E's a vergonha das Aves. «

Então o *Corvo* alterado, «

Desta sorte respondeo: «

- » Quiz roubar á Natureza «  
 » O que me não concedeo. «  
 » Seja por força, ou por arte, «  
 » Inda contra o natural, «  
 » Quero ter todo o respeito, «  
 » Quero ser Ave Real. «  
 » Eu sou *Aguia*, tenho dito; «  
 » Do que fui, sei-me esquecer, «  
 » Aves grandes, e pequenas, «  
 » Tudo me ha de obedecer. «  
 » Quero amofinar a todas, «  
 » Quero todas destruir, «  
 » Quero-me fartar de mando, «  
 » Em quanto puder fingir. «

Huma das duas *Cegonhas* «

Novamente lhe tornou: «

- » As mais das vezes não morde «  
 » O cão, que muito ladrou. «

- » Vai-te, perverso, falsario,  
 » Se mais palavra boquejas  
 » Talvez que d'aqui a pouco  
 » Nem mesmo inda Corvo sejas.
- » As Aguias são respeitadas  
 » Pela sua gravidade;  
 » Hum Corvo, só de Comedia  
 » Póde ter a magestade.
- » E de mais, se tu queras  
 » De Real fazer ensaio,  
 » Em lugar de sêres Aguia,  
 » Fingiras-te papagaio!
- » Por esse orgulho, que mostras,  
 » Nossa razão se convence,  
 » Que ninguem deve occupar  
 » Hum gráo, que lhe não pertence.
- » Desmascare-se o Tyranno,  
 » Ajudai-me boa Amiga,  
 » Que este Pantalão vaidoso  
 » Mesmo entre nós se castiga.
- Consta que as duas Cegonhas  
 Pelas azas lhe agarrarão,  
 E atravessando-as no bico,  
 Pelos ares o levárão:

Que depois de estar moído,

E d' azas desconjuntado,

O largarão lá das nuvens

Para ser precipitado.

O vento levou-lhe as pennas,

Com que aos mais fazia guerra,

E subindo ao ar em Aguia,

Em Corvo cahio na terra.

Ficou a irrisão de todos,

Tudo d'elle escarneceo,

E envergonhado, e despido

Pelas brenhas se escondeo.

Assim succede ao soberbo,

Que arroga cargo eminente;

Quando a máscara lhe cahe,

Fica a Fabula da gente.

Leitor, o caso do *Corvo*

Bem neste tempo se applica,

Mudemos-lhe o *V* em *S*

E veremos o que fica.

*Mandamentos que guardão os Francezes,  
Christãos por alcunba.*

*Os Mandamentos do Diabo Francez,  
são dez.*

- H** *O Primeiro.* HE negar a Deos, manchar os seus Altares, e insultar o seu Culto.
- O Segundo.* He jurar com mentira, para illudir os Póvos, e fazer promessas em vão.
- O Terceiro.* Espingardear innocentes aos Domingos, e Festas de guarda.
- O Quarto.* Deixar Pai, e Mãi, para vir no Reino alheio deshonnar os outros, e honrar-se a si
- O Quinto.* Matar Frades, e Clerigos.
- O Sexto.* Violentar a castidade das Freiras.
- O Setimo.* Saquear as Povoações por onde passão.
- O Oitavo.* Levantar falsos testemunhos ás mais Nações, para as malquistar em Gazeras artificiosas.

O Nono. Desejar, e forçar as filhas, e a mulher do seu proximo.

O Decimo. Cubiçar quanto ouro, e prata ha pelo Universo.

Estes dez Mandamentos se encerrão em dois, convém a saber:

Amar banquetes, e bailes; e viver, e morrer sem Deos, nem Religião.

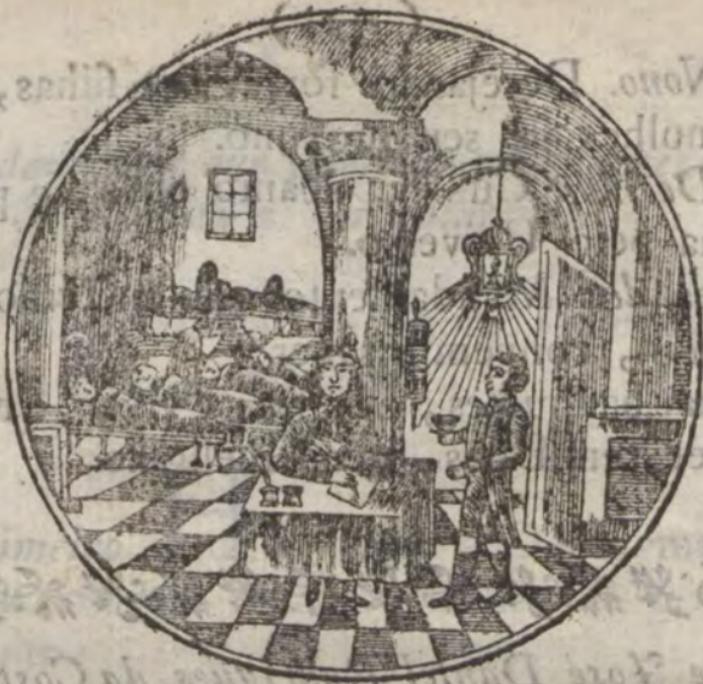


*De José Daniel Rodrigues da Costa.*

*Aos Doidos e Enlourecidos*  
*De Vil. Cap. de ...*

---

*Vende-se esta Segunda, e a Primeira Parte da Protecção á Franceza, na Loja da Gazeta: na do Madre de Deos ao Rocio: na do Livreiro Antonio Pedro, na Rua do Ouro: na de Paulo José de Oliveira, aos Martyres: na de Luiz José de Carvalho aos Paulistas: na de Francisco Luiz em Alcantra; e em Belém na Loja de Capella de José Tiburcio. Igualmente se achão no Porto no Livreiro Apollinario Antonio de Moura. E em Estremoz, e Portalegre.*



Aos Doidos apaixonados  
Da vil Franceza canalha,  
Logo Enfermeiro com elles,  
Zorrague, e cama de palha.

Se houverem Meninas,  
Co' a mesma loucura,  
Os Pais, ou Maridos  
Lhes fação a cura.

LISBOA. M. D. CCCVIII.

NA OFFIC. DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.  
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.